



Entrevista com Margareth da Silva Pereira e Romão Veriano da Silva Pereira

***Interview with Margareth da Silva Pereira and
Romão Veriano da Silva Pereira***

***Entrevista con Margareth da Silva Pereira y
Romão Veriano da Silva Pereira***

PEREIRA, Margareth da Silva ¹

PEREIRA, Romão Veriano da Silva ²

MAGALHÃES, Mário Luis Carneiro Pinto de ³

PEIXOTO, Elane Ribeiro ⁴

CRUZ, Leandro de Sousa ⁵

MOTA, Ana Flávia Rêgo ⁶

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
margaspereira@gmail.com
ORCID: 0000-0002-9840-1333

² RVeriano Arquitetos Associados. Mestre em História Urbana pela École des Hautes Études en Sciences Sociales. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

³ Universidade Santa Úrsula, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
mario.mag1978@gmail.com
ORCID: 0000-0003-1202-5769

⁴ Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
elanerib@hotmail.com
ORCID: 0000-0001-9998-3438

⁵ Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
leandro.cruz@unb.br
ORCID: 0000-0002-1305-9306

⁶ Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
ana.mota@aluno.unb.br
ORCID: 0000-0001-9848-1647

Recebido em 18/12/2024. Aceito em 19/12/2024.



Resumo

Esta entrevista foi realizada com Margareth da Silva Pereira (MP) e Romão Veriano da Silva Pereira (VP) em 12 de outubro de 2023, no Rio de Janeiro, por Mario Luís Carneiro Pinto de Magalhães (MM) e Elane Ribeiro Peixoto (EP). Contou com a participação inestimável de Leandro de Sousa Cruz e Ana Flávia Rêgo Mota, que fizeram o árduo trabalho de transcrevê-la e redimir dúvidas com uma eficiente pesquisa.

Não é fácil apresentar a professora Margareth da Silva Pereira – confessamos ser uma tarefa de enorme responsabilidade. A trajetória profissional da professora Margareth compreende a formação em arquitetura no Rio de Janeiro e de urbanismo na França, na Université Paris VIII (Vincennes). Seus estudos e pesquisas no campo da história da arquitetura e urbanismo são volumosos e foram publicados em livros, artigos, conferências e curadoria de exposições. Sua produção acadêmica lhe deu projeção nacional e internacional com sua presença na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal da Bahia, PUC Campinas, além de instituições na França, Inglaterra e Colômbia. Entre as muitas produções de Margareth Pereira, encontram-se as que reúnem pesquisas coletivas na série “Nebulosas do Pensamento Urbanístico”, obra cuja organização partilha com Paola Berenstein Jacques (tomos I, II e III) e Josianne Cerasoli (tomo III). Como indicado na introdução do primeiro livro da série, trata-se de uma contribuição teórica-metodológica acerca dos diferentes modos de pensar e narrar a história do urbanismo. De um trabalho desenvolvido ao longo de muitos anos, Margareth e Paola organizaram o *site* Cronologia do Pensamento Urbanístico, iniciativa que se tornou indispensável para os estudantes e pesquisadores. Coordenadora do Laboratório de Estudos Urbanos (LeU) - Cultura Urbana e Pensamento Urbanístico no Brasil e professora no Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB) da FAU-UFRJ, nossa entrevistada reúne jovens pesquisadores que compartilham interesses, leituras, pesquisas e momentos de descontração, animada pela alegria e entusiasmo que lhe são próprios. Conversar com Margareth além de ser experiência prazerosa é também uma imersão na história da pesquisa e da pós-graduação no nosso país.

Nossa intenção inicial era entrevistar Margareth Pereira para ouvi-la falar sobre os tempos de sua formação em urbanismo na *Université Paris VIII*. Queríamos compreender o clima da época e o papel que Françoise Choay exercia naquela instituição inusitada, aberta para acolher imigrantes, operários e pela qual passaram nomes importantes da cena cultural francesa, de Michel Foucault a Gilles Deleuze. Durante nossa conversa, Romão, o companheiro de vida de Margareth, foi entrando na conversa. Também ele tinha sido aluno em Paris VIII. Arquiteto pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Romão complementava as lembranças do período e falava de suas próprias memórias. Ia aos poucos pontuando questões, incluindo uma e outra informação, de forma que também ele passou a ser um dos nossos entrevistados, tornando nossa conversa mais rica do que imaginávamos.

Agradecemos a Margareth e ao Romão a oportunidade e o tempo dedicados à nossa atenção.

Esperamos que os leitores desta dupla entrevista a apreciem.

Palavras-Chave: História do Urbanismo; Université Paris VIII; Université de Vincennes; Françoise Choay.



Abstract

This interview was conducted with Margareth da Silva Pereira (MP) and Romão Veriano da Silva Pereira (VP) on 12 October 2023, in Rio de Janeiro, by Mario Luís Carneiro Pinto de Magalhães (MM) and Elane Ribeiro Peixoto (EP). It had the invaluable participation of Leandro de Sousa Cruz and Ana Flávia Rêgo Mota, who did the hard work of transcribing it and clearing up doubts with efficient research.

It's not easy to introduce Professor Margareth da Silva Pereira – we admit it's a task of enormous responsibility. Professor Margareth's professional career includes a degree in Architecture in Rio de Janeiro and a degree in Urban Planning in France at the University of Paris VIII (Vincennes). Her studies and research in the history of architecture and urbanism are extensive and have been published in books, articles, conferences and curated exhibitions. Her academic work has given her national and international recognition, with her presence at the Federal University of Rio de Janeiro, the Federal University of Bahia, PUC Campinas, in France, England and Colombia. Among Margareth Pereira's many works are those in the series "Nebulae of the Urban Thought," a work whose organization she shares with Paola Berenstein Jacques (volumes I, II, and III) and Josianne Cerasoli (volume III). As stated in the introduction to the first book in the series, this is a theoretical-methodological contribution on the different ways of thinking and narrating the history of urbanism. From work developed over many years, Margareth and Paola organized the website Cronologia do Pensamento Urbanístico, an initiative that has become indispensable for students and researchers. Coordinator of the Laboratory of Urban Studies (LeU) - Urban Culture and Urban Thought in Brazil and Professor of the Postgraduate Programme in Urbanism (PROUR) at the FAU-UFRJ, our interviewee brings together young researchers who share interests, readings, research and moments of relaxation, animated by her own joy and enthusiasm. Our initial intention was to interview Margareth Pereira to hear her talk about the time when she was studying urbanism at the University of Paris VIII. We wanted to understand the climate of the time and the role played by Françoise Choay in this unusual institution, which was open to immigrants and workers and through which important names in the French cultural scene, from Foucault to Deleuze, passed. During our conversation, Romão, Margareth's partner, joined us. He had also been a student at Paris VIII. An architect at the Federal University of Rio de Janeiro, Romão complemented her memories of the period with his own. Little by little, he asked questions and provided information, becoming one of our interviewees and making our conversation richer than we had imagined.

We would like to thank Margareth and Romão for the opportunity and time they gave us.

We hope that readers of this double interview will enjoy it.

Keywords: *History of Urbanism; Université Paris VIII; Université de Vincennes; Françoise Choay.*



Resumen

Esta entrevista se realizó a Margareth da Silva Pereira (MP) y Romão Veriano da Silva Pereira (VP) el 12 de octubre de 2023 en Río de Janeiro por Mario Luís Carneiro Pinto de Magalhães (MM) y Elane Ribeiro Peixoto (EP). Contó con la inestimable participación de Leandro de Sousa Cruz y Ana Flávia Rêgo Mota, que realizaron el arduo trabajo de transcribirla y aclarar dudas con una eficaz labor de investigación.

No es fácil presentar a la profesora Margareth da Silva Pereira. Confesamos que es una tarea que conlleva una enorme responsabilidad. La trayectoria profesional de la profesora Margareth incluye una licenciatura en arquitectura en Río de Janeiro y urbanismo en Francia, en la Universidad París VIII (Vincennes). Sus estudios e investigaciones en el campo de la historia de la arquitectura y el urbanismo son abundantes y se han publicado en libros, artículos, conferencias y exposiciones comisariadas. Su producción académica le ha dado relevancia nacional e internacional con su presencia en la Universidad Federal de Río de Janeiro, la Universidad Federal de Bahía, la PUC Campinas, en Francia, Inglaterra y Colombia. Entre las muchas obras de Margareth Pereira, se encuentran aquellas en la serie “Nebulosas del Pensamiento Urbanístico”, obra cuya organización comparte con Paola Berenstein Jacques (tomo I, II y III) y Josianne Cerasoli (tomo III). Como se indica en la introducción del primer libro de la serie, se trata de una contribución teórico-metodológica sobre las diferentes maneras de pensar y narrar la historia del urbanismo. De un trabajo desarrollado a lo largo de muchos años, Margareth y Paola organizaron el sitio web Cronologia do Pensamento Urbanístico, iniciativa que se ha vuelto indispensable para estudiantes e investigadores. Coordinadora del Laboratorio de Estudios Urbanos (LEU) - Cultura Urbana y Pensamiento Urbano en Brasil y profesora del Programa de Postgrado en Urbanismo (PROUR) de la FAU-UFRJ, nuestra entrevistada reúne a jóvenes investigadores que comparten intereses, lecturas, investigaciones y momentos de distensión, animados por la alegría y el entusiasmo que le son propios. Además de un placer, conversar con Margareth es también una inmersión en la historia de la investigación y del posgrado en nuestro país.

Nuestra intención inicial era entrevistar a Margareth Pereira para escucharla hablar sobre su época de formación en urbanismo en la Universidad París VIII. Queríamos entender el clima de la época y el papel que Françoise Choay desempeñó en aquella insólita institución, abierta a inmigrantes y trabajadores, y por la que pasaron importantes nombres de la escena cultural francesa, de Foucault a Deleuze. Durante nuestra conversación se unió Romão, compañero de vida de Margareth. Él también había sido estudiante en la Universidad París VIII. Arquitecto por la Universidad Federal de Río de Janeiro, Romão complementó sus recuerdos de la época y habló de los suyos propios. Poco a poco, fue apuntando temas, incluyendo algún que otro dato, de modo que también se convirtió en uno de nuestros entrevistados, haciendo que nuestra conversación fuera más rica de lo que habíamos imaginado.

Queremos agradecer a Margareth y a Romão la oportunidad y el tiempo que nos dedicaron.

Esperamos que los lectores de esta doble entrevista disfruten de ella.

Palabras Clave: *Historia del urbanismo; Université Paris VIII; Université de Vincennes; Françoise Choay.*

Entrevista com Margareth da Silva Pereira e Romão Veriano da Silva Pereira

MM: Margareth, este primeiro bloco de provocações é acerca da recepção e do contato entre os alunos brasileiros de Françoise Choay, entre os quais vocês [Margareth e Romão] se encontravam. Envolve conhecer como chegaram à Universidade de Vincennes.

MP: Tentando me lembrar, acho que nós não fomos para Vincennes, para a Universidade de Vincennes. Conheci Françoise Choay na Universidade Paris VIII, conhecida também como Universidade de Vincennes. Acho que [antes de nossa ida para Paris] não tínhamos ouvido falar de Françoise Choay; talvez tivéssemos ouvido falar em Vincennes como um lugar e como uma universidade alternativa, como uma universidade saída do Maio de 68. No Brasil, fazíamos parte de um grupo de arquitetura da FAU-UFRJ muito curioso, muito militante, muito ligado a vários tipos de manifestação cultural, cujos participantes tentavam abrir a própria cabeça durante os anos duros de ditadura, [então] talvez eu tivesse ouvido falar de Françoise Choay antes de ir para França em 1978.

MM: A antologia [“O urbanismo: utopias e realidade”] escrita por ela já era lida?

MP: Não, de jeito nenhum – imagina!

RP: Ninguém conhecia nada.

MP: Não era lida – sobretudo, aqui, no Rio.

RP: Antes de irmos para a França, tínhamos que ter uma inscrição em alguma universidade [francesa]. Mandamos uma carta para Paris VIII e uma outra para o IEDES [Instituto de Estudos de Desenvolvimento Econômico e Social].

MP: O consulado não queria que eu fosse para Vincennes. Fui dissuadida. Romão fala “nós”, mas fui eu que mandei [as cartas] para esses dois lugares. Em 76-77, quis parar o curso de arquitetura para fazer outra formação porque, para nós, arquitetura era uma profissão burguesa. Como fazíamos parte do grupo que mencionei – ele até mais do que eu – questionávamos o sistema acadêmico e queríamos – aí sim, “nós” – fazer outra coisa. Em 76, resolvi estudar de novo francês. Naquela época, acho que tínhamos ainda, no Brasil, uma mítica sobre o Maio de 68 e sobre uma França mais igualitária, mais libertária, mais revolucionária, quisemos ir. Precisávamos ter, como disse Romão, uma pré-inscrição [em universidades francesas] para que o consulado nos desse os papéis. Quando fomos ao consulado, Romão não se lembra disso, mas eu me lembro, uma funcionária do consulado me disse: “Mas por que você quer ir para Vincennes?”. As duas faculdades para as quais tínhamos inscrições, eram duas faculdades, vamos chamar assim para facilitar, de esquerda: Vincennes e o IEDES, o Instituto de Estudos de Desenvolvimento Econômico e Social da Universidade Paris I, Panthéon Sorbonne, era um centro de reflexão sobre o que se chamava, naquela época, de países em via de desenvolvimento. [O IEDES] era um centro voltado para estudos sobre a pobreza, sobre a teoria da dependência, sobre a América Latina. Quando fomos para Vincennes, tenho a impressão – e nisso não estou errada – que não foi por ser onde estava Choay, mas porque era Vincennes.

RP: Descobrimos que em Vincennes, a arquitetura era separada de urbanismo. Foi nosso primeiro choque! Ser arquiteto não significava ser urbanista. E não é mesmo! É outra disciplina. Na França já era separado e é assim até hoje. É uma falácia dizer que arquiteto é urbanista. Sabemos desenhar uma rua, sua largura e tudo [o mais], mas nem por isso somos urbanistas. O urbanismo é o quê? É um campo multidisciplinar, [são necessários conhecimentos de] geógrafo, sociólogo, advogado. Saberes que



incidem sobre a cidade. Aprendemos vivendo essa experiência em Paris. Quando chegamos em Vincennes, eram dois níveis [de formação]. Em Vincennes, voltamos para a graduação; e no IEDES, o curso era de pós-graduação.

MP: De Doutorado.

RP: Quando chegamos em Vincennes, os professores eram as grandes cabeças da atualidade, eram os grandes pensadores. Descobrimos quem era [Françoise] Choay, mas tínhamos [Pierre] Merlin também, um grande técnico, Anatole Kopp que era excelente... era o máximo ouvi-lo falando dos urbanistas russos. Não tínhamos ouvido falar desses assuntos por aqui. Foi um choque, um choque físico, pois chegamos em uma universidade completamente caindo aos pedaços – o prédio estava direitinho, mas era todo pichado. A Faculdade de Arquitetura no Rio era um brinco. O diretor, [Adolpho] Polillo, um grande professor de cálculo estrutural, era de organização de regime militar. Era limpíssima, tudo direitinho, no seu lugar, com a repressão daqueles anos. [Então], entramos naquela faculdade [Vincennes], onde tudo era misturado, levamos um choque, e você [se pergunta]: “Uau, o que que é isso? Isso é possível?”.

MP: Não tinha cadeira. A mesa da Françoise Choay devia medir mais ou menos 1,10 m ou 1,20 m x 0,80 m, com uma cadeirinha de metal, com o encosto, uma coisinha aqui para trás, só para encostar as costas. As cadeiras nem eram suficientes para os alunos. Às vezes sentava-se no chão. A aula era toda no chão, mas não era um auditório em que se senta no degrau, sentava-se no chão mesmo!

RP: Ouviam-se aquelas conferências que chamávamos de *cours magistral*.

MP: Françoise Choay entra, então, na nossa vida porque voltamos [a] fazer a graduação em Vincennes. Nossos títulos de arquitetos não eram válidos na estrutura [de ensino da França]. Quer dizer, somos aceitos para entrar [na universidade], sem problema nenhum. É feita uma equivalência de disciplinas e isso nos colocava no segundo ano do curso de Urbanismo, mas ainda faltariam mais dois. Cursávamos ao mesmo tempo o Instituto de Estudos de Desenvolvimento Econômico e Social, cuja formação era mais multidisciplinar, onde nos aceitaram como arquitetos e nos habilitaram. Como o curso de graduação é de quatro anos e já tínhamos um curso de cinco [no Brasil], com experiência profissional e mais uma série de coisas, quase saltamos o *maîtrise*.

RP: Em uma, fomos para a graduação, na outra, para o primeiro ano do doutorado.

MP: O IEDES funcionava no 58 Boulevard Arago.

RP: Era um prédio antigo, todo normal.

MP: Em frente, existia uma prisão enorme.

RP: Existia não, ainda existe.

RP: Chegávamos em Vincennes, na faculdade, tinha um cara sempre vendendo “Charlie Hebdo e Liberation”.

MP: Os jornais de esquerda.

RP: Era um estrangeiro, certamente. “Charlie Hebdo, *Liberation!* Charlie Hebdo, *Liberation!*”. Ele chamava *Libération de Liberation*.

MP: Foi um impacto. Choque, às vezes, é uma palavra muito negativa. Teve um impacto do ponto de vista físico, porque era um contraste enorme entre dois espaços – podendo a FAU-UFRJ ser considerado liso. O desenho do Jorge Moreira pairava como absoluto. O chão, aquele chão preto, todo polido.



RP: Já estava começando a ficar ondulado, por causa do terreno. Era tudo impecável. Tudo funcionava.

MP: Lindo – as salas, o *parquet*, o piso. O taco era desenhado, inclusive, com as guias para passar a fiação pelo solo. Começava-se a aprender, de certo modo, a prestar atenção nas coisas, porque [o edifício] era tão absoluto, era impossível não estabelecer, no corpo, uma diferença, quando se entrava naquele lugar. Vinha-se da rua, na sua multiplicidade e, quando se entrava ali, era uma outra coisa. Só que extremamente repressora. Tremíamos para falar com o Polillo. Lembro da primeira vez que fomos todos juntos defender a ideia de abrir o antigo Centro Acadêmico. Não se podia falar em abrir o Centro Acadêmico, que estava fechado. Então propusemos abrir a Atlética, dedicada às atividades atléticas, com jogo de pebolim e para exibir filmes. Tínhamos que pedir licença para o diretor. Fomos todos tremendo, e ele nos autorizou, podíamos passar filme na segunda-feira ao meio-dia. Mas era muito repressor. Chegamos a Vincennes – uma revolução, do ponto de vista físico, porque Vincennes era como se fosse a nossa FAU hoje, que está completamente descuidada, com aqueles corredores todos largados. Era assim em Vincennes, porém, com centenas de alunos desejosos de conhecimento.

RP: E muito professor querendo passar esse conhecimento. Eram locais de ebulição.

MP: Nossas aulas com Choay eram às seis da tarde, ou cinco da tarde, e chegávamos em casa, sem comer, à meia-noite. Por quê? Porque você discutia ali até o professor ou o coletivo dar sinal de exaustão.

EP: E qual era a dinâmica das aulas? Ela falava e vocês podiam interagir?

MP: Nós podíamos interagir. Eram cursos magistrais. Ela chegava e apresentava o tema do dia. Por isso eu queria achar o programa... Foi antes de ela escrever “*La règle et le modèle*”. Ela já tinha escrito a antologia, mas não falava dela.

RP: Choay virou uma estrela depois de “*La règle et le modèle*”. Aliás, todos [os professores] escreveram livros. Foi na mesma época em que Kopp publicou “Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa”.

MP: Nesse período, ela fica famosa e segue famosa ao longo dos anos 80. Começa a ter uma atuação pública cada vez mais [abrangente]... Então, como eram as aulas? Eu me lembro perfeitamente de algumas aulas. Lembro da aula em que fiquei surpresa, porque ela nos apresentou um [Albrecht] Dürer, que tinha escrito sobre cidades, me lembro perfeitamente. O texto era em alemão e tinha uma tradução que eu tenho, ou que eu tinha... a cópia que ela nos deu na sala de aula. E me deu uma coisa porque eu acho que já gostava de Dürer. Digo que acho que já gostava, porque, não foi à toa que coloquei na contracapa da revista *Gávea* aquela *Melancolia* do Dürer, na *Gávea* número 8. Melancolia e saudade são temas barrocos, como sabemos muito bem. Eu me lembro de algumas aulas dessa época em que ela estava preocupada com a questão do sentido das palavras, com a questão da língua, da linguística. Acho que nesses anos, de finais da década de 70, por volta de 78, Choay estava mais próxima de Roland Barthes do que de Michel de Certeau ou do próprio [Claude] Lévi-Strauss. Lembro-me da aula de Lévi-Strauss porque ela falava dos Bororos. Fez também uma aula sobre Bakhtin. [Durante as aulas], as pessoas podiam intervir e fazer perguntas. Só que ficávamos sempre amedrontados, porque era uma turma que não queria falar no coletivo, e [tínhamos em média] entre 20 anos e 22 anos. Acho que eram quase 100 [alunos]....

RP: Não dominávamos o francês, mas as aulas, de qualquer maneira, eram diferentes. Estávamos muito acostumados a ter uma aula técnica. Aula de arquitetura, aula técnica, desenhos...

MM: Não tanto um convite à reflexão...



RP: De repente... A aula era um convite à reflexão e nunca tínhamos tido aula nesse modelo...

MP: Tínhamos tido um pouco no Fundão, evidentemente, com pessoas como Alfredo Britto.

RP: Mas não era tão profundo.

RP: Essas pessoas intuía esse tipo de abordagem, embora [não fossem] como uma aula que tivemos com o [Hubert] Damisch, por exemplo. Ele escolheu um quadro e nos falou ao longo de um semestre sobre esse mesmo quadro e sobre a arquitetura presente no plano de fundo. A partir dali, quando vejo qualquer quadro da Idade Média, fico olhando a cidadezinha, como foi desenhada, o que [o pintor] mostra da cidade, qual o tipo de coisa, como eram as janelas.

MP: Damisch era o mais radical.

RP: São aulas que, de qualquer maneira, conduzem à reflexão. No Rio de Janeiro, não era assim.

MM: Quais são os outros dois brasileiros que estavam na universidade com vocês?

MP: Aluno de Choay, que eu tenha certeza, Júlio César Rodrigues.

MP: Quem talvez tenha feito [aula com Choay], mas que não era da minha época, foi Maria del Carmen Zilio. Chegamos [a Vincennes] e tivemos aquele choque físico, depois outro, epistemológico. Houve um terceiro, o social. Hoje, fico me perguntando se os alunos têm [esse mesmo choque]: a descoberta da dimensão pública. Aqui no Rio, eu tive isso. Quando saímos do ensino secundário [e entramos na universidade], levamos um choque, porque encontramos na universidade indivíduos que não frequentávamos, que não conhecíamos. Mas, em Vincennes – talvez porque o acesso à nossa universidade, nos anos 70, ainda fosse muito restrito – era muito democrático. Tínhamos refugiados políticos de várias partes do mundo, árabes, argentinos, americanos... Por exemplo, uma das pessoas que se sentava sempre do meu lado...

RP: Era a Jane Chase, não?

MP: Não. Jane Chase do Chase Manhattan Bank foi nossa professora. Naquela época, os filhos das grandes fortunas às vezes abandonavam a casa das suas famílias e suas riquezas e iam fazer outra história. Jane tinha saído dos Estados Unidos, de Nova Iorque, e dava aula com Anatole Kopp – simplesmente – que era de esquerda, marxista e brigado com o partido comunista. Sentava-se do meu lado um rapaz que era da Califórnia e que tinha sido – foi a primeira vez que ouvi essa palavra, eu já falei disso para vocês – *objecteur de conscience*. Não sei como traduzir a expressão, é um conceito que existe em francês e que define quando alguém é contra algo e, por consciência, e não o pratica. Ele era contra a Guerra do Vietnã, saiu dos Estados Unidos, renegou a pátria e ficou apátrida. Essa figura do apátrida estava presente também nos anos 20-30. Aqui no Brasil, não conheço o uso da expressão.

Eu me lembro perfeitamente da minha primeira pergunta para Françoise Choay. Era uma aula em que ela falava, como se fosse normal e como se todo mundo soubesse, o que era o desurbanismo. Eu, que nunca tinha parado sequer para pensar sobre o que era o urbanismo, embora estivesse em uma Faculdade de Urbanismo, perguntei [sobre o assunto]. Ela reagiu com espanto [pelo fato de que] não soubesse nem o que era ou que fosse o urbanismo. As aulas eram magistrais. Podíamos fazer perguntas, mas ficávamos intimidados, porque era muita gente e tinha esse choque muito rico, que nos obrigava a pensar na pluralidade do mundo.

RP: Estudávamos muito.

MP: Muito!



RP: Na França, a questão urbana era efervescente. Nessa época, eles estavam começando a estudar todas aquelas cidades novas, as *villes nouvelles*. Durante nosso curso, teve o concurso do *Les Halles*, em Paris.

MP: Onde era o mercado que tinha sido deslocado.

RP: Imagine! Todo mundo trabalhou com projeto para o *Les Halles*. Em Vincennes, também encontramos os nossos grandes amigos da França, quer dizer, alguns professores que ficaram depois...

MP: Ali reuniu-se, como você falou, além do [Jean] Baudrillard, [Michel] Coquery, no Instituto de Urbanismo. Ali também estava [Gilles] Deleuze...

MP: Tinha os diversos departamentos. O departamento de cinema de Vincennes era excelente. Tinha Françoise Choay, que chegava de *tailleur* Chanel, o cabelo cortado pela Vidal Sassoon de Nova Iorque, no carro dela, uma Mercedes, ou uma BMW, não sei. Não a víamos como “a” burguesa, entende? [Ao mesmo tempo], víamos o cara que vendia o jornal que depois se sentava para assistir à aula. Ele vendia o jornal porque precisava de dinheiro para comer. Pegava o jornal cedinho, ia para a universidade e o vendia. Já tinha o dinheirinho dele, mas também assistia à aula. Não víamos essa diferença. Lá, fui estudar tupi-guarani. Eu não conseguia estudar tupi-guarani aqui, não tinha o curso. Em Vincennes, tinha o curso de tupi-guarani, estudei dois semestres. Foi muito interessante porque tinha essa ebulição.

EP: Mas havia divergências e conflitos entre as diversas correntes de esquerda em Vincennes?

MP: Não. Dentro de Vincennes, nem tanto, porque já estava acomodada. Lógico que ali havia divergências. Acho que as divergências maiores eram entre os marxistas e neomarxistas. Isso já era uma grande ruptura. Em Vincennes tinha maoísta, trotskista, era misto.

RP: Essas diferenças que, aqui, não eram [tão claras], lá eram mais nítidas. Sabia-se bem quem era trotskista.

MP: Mas em Vincennes, pelo menos no período em que estudamos, [as diferentes orientações] não apareciam de maneira tão clara. É importante marcar as datas. Estudamos em Vincennes entre 78 e 81. Depois, Paris VIII muda quando a Universidade de Vincennes é transferida para Saint-Denis. Voltamos e ficamos no Brasil entre 82-83. Em 83, ganhei uma bolsa para retornar à França e pensei em voltar para Vincennes, mas não pude. Visitei a universidade em Saint-Denis – ela já era toda organizadinha.

RP: Já tinha acabado.

MP: Não pude continuar em Vincennes porque já tinha ido até a *maîtrise* com o Anatole Kopp, [portanto deveria] defender o memorial. [Na minha volta para a França], fui aceita [na Escola de Altos Estudos] no primeiro ano do DEA [*Diplôme d'études approfondies*] e também devia defender um memorial. Vincennes me pressionava para que defendesse antes, mas deveria ficar mais um ano para escrever o memorial. Em contrapartida, na Escola de Altos Estudos, em um ano eu já teria o Diploma de Estudos Aprofundados, dando acesso para o doutorado. Então, opto pela École.

MM: O segundo bloco de nossa conversa é sobre o diálogo longo, a presença fantasmática de Choay em sua reflexão. Ou seja, por um lado, vocês são alunos durante algum tempo, mas alguma coisa acontece. Choay marca presença em um diálogo longínquo na sua reflexão a partir da sua tese.

MP: Vamos voltar para trás. Choay marca ainda em Vincennes. Ao contrário do que faço como professora, escrevo linha por linha e anoto tudo que ainda posso ajudar o estudante, Choay era uma pessoa que lia o texto, sabíamos que tinha lido, mas o comentário dela era mínimo. E com frases desse



tipo: “Escrevi melhor do que você sobre Brasília, em mil novecentos e tanto, na *L’Oeil*”.

RP: Era quase [como dizer], assim: “Você não leu meu artigo sobre Brasília”. Mas, eu nem sabia que existia!

MP: Como bons brasileiros, achávamos que o mundo começa com a gente, o que de certa forma não está errado, porque estamos atualizando um monte de coisa. Um brasileiro escrevendo sobre Brasília e não vai vagamente fazer o que se chama o estado da questão? Romão não fez o estado da questão.

RP: Com [Marcel] Roncayolo era diferente, porque tinha Michel Coste que falava por ele. Michel Coste vinha e dizia o que [Rocayolo] tinha achado interessante: “Essa pesquisa sobre Agache vai dar samba, vai ser boa”.

MM: Tinha um mediador.

MP: Roncayolo falou uma coisa que [repetiu] para vocês: estabelecer a bibliografia é o primeiro programa na construção de um objeto teórico, de estudo. Acho que isso regia a cabeça deles. Quer dizer, estabelecer a bibliografia é a primeira coisa que se faz. É um respeito em relação a quem escreveu antes de você, é um pouco disso. Então, com o Romão foi essa frase sobre Brasília: “Escrevi muito melhor do que você”.

Primeiro, acho que Françoise Choay me marcou no sentido da expansão e do limite do corpo e [sobre] a relação que se estabelece com conhecimento. Até hoje eu tenho muita dificuldade em reconhecer que tenho horário para pensar: penso de 5h às 7h, ou de 7h às 9h. Talvez por conta dessa experiência em Vincennes, mas não era só nas aulas dela, era também nas aulas de Deleuze ou de quem [quer que] fosse. Sentava-se e estava-se em um ambiente de reflexão. Se tinha fome, ficava-se com fome, nem para ir ao banheiro se levantava. Ficava-se ali, pensando. Uma, duas, três, quatro, cinco horas... A primeira coisa é isso: quando se está mergulhada numa reflexão, não é uma coisa que se controla. Pensávamos juntos. Pode ser que [num] dia [qualquer] não desse nada e tudo bem. Essa foi a primeira coisa que marcou. Tive que fazer o mesmo trabalho final do Romão. Romão resolveu escrever sobre Brasília e eu resolvi escrever sobre o Christopher Alexander. Ela tinha dado uma aula sobre o Alexander e estava apaixonada por ele, resolveu publicar Christopher Alexander em francês, na coleção *du Seuil*. Comprei o [livro de] Christopher Alexander e fui ler. Naquela época, ela devia estar lendo Foucault. Ela cita “O nascimento da clínica” aqui, “História da loucura”... Nesses anos, entre 78 e 80, ela estava preocupada com a questão da medicalização da sociedade, com a biopolítica, de certa forma. Denunciava a questão da medicalização da sociedade. Começava com o vocabulário, implicava com as noções de diagnóstico e circulação, mas não era só isso. Ela fez, acho que uns dois ou três cursos, em que cada aula era [dedicada a] um autor, às vezes a um problema, às vezes eram [necessárias] duas aulas. Acho que demorou pelo menos umas duas, três aulas, só falando da questão da medicalização da sociedade. Comprei o livro do Christopher Alexander para ler, lógico! Achei que Alexander também fazia exatamente o que ela estava criticando nos outros [autores]. Não tudo, mas muita coisa. A única diferença é que tinha o lado da participação, da abertura à democratização, de estar em uma posição de escuta.

RP: De uma coparticipação.

MP: Isso, de uma coparticipação no projeto. Resolvi fazer o trabalho sobre o Christopher Alexander. Fui fazendo uma lista de todas as passagens em que achava que ele estava, também, defendendo o problema da medicalização. Mas não fiz direito, eu não estava treinada. Entreguei o trabalho final. Alguns [trabalhos] ela reprovou, como acabamos de citar, e outros, como no meu caso, ela me falou: “Olha, não sei o que fazer com você, porque você me chamou atenção para coisas que eu não tinha visto. Acho isso muito bom. Mas, você não sabe defender seus argumentos, não sabe expô-los... Não



vou te reprovar, mas terá que refazer a disciplina para ver se melhora sua argumentação”. Respondi: “Tudo bem!”. Isso também me marcou, porque nessa conversa sobre o meu texto, tive um movimento de autopiedade: “Ah, professora, mas a senhora tem que ver, sou latino-americana, só estou morando aqui na França há um ano, não falo direito francês, para mim foi muito difícil, é muita coisa que estou aprendendo...”. Aí ela me cortou...

EP: Na hora!

MP: Na hora! Disse: “Olha, você está em uma universidade francesa”. Ela nem falou “você está numa universidade universalista”, mas deveria ter falado assim. “Você está em uma universidade que pensa os homens de maneira mais universal, então você vai ser julgada como eu faço com qualquer outro aluno francês”.

MM: Quando vocês voltam [para a França], já no período do seu doutoramento, você ainda está frequentando Choay?

MP: Eu não frequento tanto Choay porque as aulas eram em Saint-Denis, era muito longe. Quando volto para o meu doutoramento, já sou mãe de família, com duas crianças, um bebê de três meses e uma outra criancinha de 1 ano e 8 meses, e sem marido. Então, não dava para fazer tudo isso.

EP: Você já estava no Boulevard Raspail?

RP: Os dois já estávamos no Boulevard Raspail. Não dava para ir a Saint-Denis, era longe. Para [frequentar] Saint-Denis e [acompanhá-la], teria que ficar mais um ano, o que a Capes não aceitaria, porque já tinha sido aceita para o doutorado na *École des Hautes Études*. A Capes deu a bolsa para o doutorado, não era para voltar atrás.

RP: Mas você acompanhava a Choay.

MP: Eu a acompanhava episodicamente. Nesse período que se inicia em 1983, de “A regra e o modelo”, foi um período em que Françoise Choay, pelo menos na minha percepção, foi ganhando projeção por conta de uma participação junto ao Ministério da Cultura e com órgãos como a Unesco. Em 83-84 houve um evento em que organizaram várias mesas na Unesco em Paris, quando ela convidou Giulio Carlo Argan. Foi quando vi Argan pela única vez. Falávamos de italo-filia, de como ela vai passando de Filarete para Alberti. Ela já estava trabalhando com Alberti, porque na coleção *du Seuil, Espacements*, vê-se nas “próximas publicações” o tratado do Alberti.

MM: Mas eles estavam juntos no Congresso Extraordinário da AICA [*Association Internationale des Critiques d'Art*], de Brasília.

MP: Ela traz o Argan [para a França]. Nesses anos 80, também, teve a enorme polêmica sobre a tradução de “O culto moderno dos monumentos”. Em 78-79, durante os anos de graduação, ela ainda não estava incluindo tanto os autores alemães. Estava num registro muito mais próximo de [Ferdinand de] Saussure, [Roman] Jakobson e Barthes. Estava próxima dos linguistas, de certa forma, e próxima a Foucault. Vamos voltar a Foucault daqui a pouco. Nos anos 80, quando há o seminário de mestrado oferecido por ela e do qual participei, já estava próxima dos alemães, ou pelo menos estava falando mais dos alemães. Em 82-83, voltamos para o Brasil e [retornamos para a França no] fim de 83. Em 85, deve ter sido a polêmica dela em relação à [tradução de “O culto moderno dos monumentos”]. Ela está no Georges Pompidou, está fazendo coisas na esfera do recém-inaugurado *Beaubourg*.

Roncayolo e ela trabalham na organização do volume 4 da “História da França Urbana”. Depois, trabalham juntos na exposição do *Beaubourg* de 1988-89, *La Ville*. Jean-Pierre Gaudin e Viviane Claude, mais ligados a uma ação política, não entendiam que a ação na sala de aula é, também, política. Tendiam

a imaginar que nós, porque escrevemos ou estamos falando de palavras, estamos falando de ideias. É preciso considerar que também construímos [com as palavras] cidades ainda muito mais sólidas. Esse é o problema com as palavras! É possível destruir as *twin towers*, mas não o capitalismo implícito nelas. São as palavras que semeiam. Isso é a história, a semeadura é lenta, não é mensurável imediatamente.

Por volta de 88, [Françoise Choay] está próxima a Roncayolo, mas tem entre eles algum ruído. Agora vai sair um livro sobre Roncayolo. Quem sabe não se vai descobrir qual foi o ruído entre ambos? Quando defendi minha tese, não pude convidar Choay, porque eles tinham se desentendido, o que aconteceu entre a concepção da “História da França Urbana” e a exposição do *Beaubourg*. Nessa época, Jean-Pierre Gaudin trabalhava com Choay, era próximo dela – mesmo que hoje ele negue.

MM: Ele era próximo?

MP: Muito próximo! Como Viviane Claude, que chamava Françoise Choay de Françoise. Chamei Jean-Pierre Gaudin por sua proximidade com Françoise Choay. Ela não pôde ir, mas Gaudin era a presença fantasmática dela. Por que quem falava de espaço, quem falava de forma na França do início dos anos 80? Quem estava falando de forma era Choay e Roncayolo. [Hubert] Damisch e outros também, mas [a partir] de uma visão de história da arte, às vezes, excessivamente estilística, afinal é a Universidade de Paris I. Algumas dessas figuras de quem estamos falando e, sobretudo nesse momento, Jean-Pierre Gaudin, começam a ascender na administração pública, têm acesso a recursos e, portanto, [começam a] pagar pesquisas, incitar a organização de pesquisas. Vejo, por exemplo, ir tomando forma a pesquisa do próprio Jean-Louis Cohen.

MM: Da Monique Eleb também?

MP: Monique Eleb também. Os ministérios nesse período têm mais dinheiro. E há os livros do [Philippe] Panerai. [Esse assunto merece] uma cronologia fina, por isso fico aflita de falar assim. Falei disso agora, em junho, na França. Vai ser dada, na França, continuidade a uma associação para a história do urbanismo, que retoma aquela criada no fim dos anos 80 por Gaudin, Viviane Claude e Roncayolo. Cohen já estava indo para os Estados Unidos, o que enfraquece o campo. Ainda tem certo período de [sobrevivência], mas o campo ficou enfraquecido. Gaudin, cada vez mais, vai para a ciência política, Roncayolo para a *retraite* e vai se afastando. Em junho, Laurent [Coudroy de Lille] me convidou para falar da minha percepção sobre tudo isso e sobre o lugar da América Latina. Muitos tiveram uma formação como a minha, no fim dos anos 70, mas havia também aqueles formados pelo Instituto de Urbanismo Francês (IFU), um instituto mais técnico, origem de Laurent. Roncayolo tenta mudar o instituto, que tinha aulas operacionais, de desenho de calçada. Em final de junho [de 2023] aconteceu um encontro no qual construí um pouco essa história, mostrando que, nesses anos 80, são vários os atores que começam a colocar a questão urbana, que fervilhava nos anos 70, mas que se institucionaliza como uma reflexão teórica e como uma reflexão política. Portanto, vai qualificar a experiência da cidade. As pessoas vão começar a estudar a composição, como é o caso de [Philippe] Panerai, porque estão projetando cidades e precisam saber sobre a arquitetura do acompanhamento [da composição]. É um período em que a palavra composição cresce.

É preciso entender onde falhamos, qual é o fio que queremos resgatar. Fomos estudar os da década de 20, a exemplo dos trabalhos do próprio Gaudin e do Cohen. Bom, o que fazemos com [André] Lurçat e com Le Corbusier? E como se estudam as biografias? Era preciso fazer os *catalogues raisonnés* das obras das pessoas, para entender se elas avançaram, se regrediram, se desviaram, se hibridizaram, se as somas foram positivas ou negativas. A década de 80 foi extremamente rica, porque foi a de uma espécie de arqueologia urbana, de uma arqueologia cidadina. Qual é a repercussão que o texto da Choay teve? Ela tenta fazer a historicidade dos termos “cidade” e “urbano”. Qual é o impacto do título *Espacements* da coleção *du Seuil*? Ela está querendo dizer que não é só o espaço, mas o modo como

as relações são criadas e, portanto, há dezenas de maneiras de declinar. Além disso, já tinha percebido na Antologia, que a palavra “espaço”, estava desgastada e não resolvia a questão. A década de 80 foi extremamente rica.

RP: Do ponto de vista das ideias e das realizações.

MP: E das realizações.

RP: Eram todos aqueles grandes conjuntos habitacionais que deram no que estão dando. Ao mesmo tempo, vem a arte urbana, o *hip hop*, tudo junto, o *graffiti*, está tudo em ebulição e acontecendo no mundo inteiro.

MP: É importante que eu sublinhe o que você falou. A arquitetura francesa não existia, até o final dos anos 80. Então ali, a partir do governo [Françóis] Mitterrand...

RP: Ainda tem isso, as Grandes Obras. O Estado investindo dinheiro.

MP: É o Estado achando que precisa construir uma outra cidade e que ela é possível. Isso em toda a década de 80. O que acontece na década de 90? O neoliberalismo norte-americano engole [tudo], inclusive, a Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Os autores franceses começam a viajar e a circular pelo mundo, mas completamente esvaziados desse lugar político. Político no sentido amplo, como nós estamos discutindo, que vai da sala de aula à redação de um texto, ao desenho de uma calçada, à largura de uma calçada, à decisão do uso do solo. O que vai se fazer ali? Colocar 30 farmácias e tirar 25 livrarias. Fiquei com vontade de ler Françoise Choay e ver o que ela pensava sobre o *pharmakon*. Hoje em dia, nem pensamos nas cidades, sobretudo no Brasil. Eu ainda vejo essa diversidade muito grande em uma cidade como Paris e o desejo de mantê-la. Mas, mesmo assim, vê-se uma floricultura ser substituída por uma agência imobiliária. Isso aconteceu no nosso bairro. Tiraram uma loja que vendia e reparava bicicletas, trabalho de pequenos artesãos.

RP: É semelhante [com os comerciantes] árabes e seus pequenos comércios, que ficavam [abertos] à noite – eles também estão acabando, porque as grandes redes ficam abertas até as 23h00. Tem Carrefour Express, Monoprix, não sei o quê mais... Acabou o pequeno comerciante.

MP: A diversidade da cidade vai morrendo, mata-se a diversidade da cidade...

MM: Mas como isso atravessa a sua tese?

EP: E depois, como que isso chega aqui?

MP: Por que fui estudar com o Roncayolo? Por que me inscrevi para a Escola de Altos Estudos. Para alguém que estudava forma, [as opções eram] ou continuar em Vincennes, mas seria atrasar [meus estudos], ou ir para a Escola de Altos Estudos. Naqueles anos 80, quando voltei ao Brasil, para passar dois anos, estavam destruindo o Rio de Janeiro. O capital imobiliário estava destruindo tudo e construindo edifícios anônimos. Ainda estávamos impregnados, na maior parte das universidades, de certa análise neomarxista. Havia uma associação entre o que estava sendo vivido nos anos 80 com o que tinha sido vivido nos anos 1900 com o Pereira Passos, com a destruição da cidade, entre aspas, tradicional. Tinha sido [publicada] a dissertação do Jaime Larry Benchimol “Pereira Passos: um Haussmann tropical”. Roncayolo era um grande especialista das reformas urbanas do período do Haussmann. Escrevi durante quatro, cinco anos, ainda com esse fantasma da Choay em mim, as marcas da Choay em meu pensamento. Não estava satisfeita porque, evidentemente, queria saber porque andava em Paris e Paris permanecia, do ponto de vista físico, uma Paris haussmanniana. Naquela época não tinha tanta difusão de fotografia. Eu conhecia as imagens porque passava dias e dias pesquisando na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Por um lado, sabia que tinha existido um Rio de Janeiro que

poderíamos chamar de haussmanniano, mas ele tinha desaparecido, não existia mais. Em Paris, [a cidade do século XIX] existia. O que faz com que uma cidade secrete, purgue uma forma e uma dinâmica que façam as coisas permanecerem; e outra purgue uma tendência, um movimento que destrói? Estou usando a palavra “purgar”... O Roncayolo usava a palavra “secretar”, quer dizer, como uma cidade secreta a definição de si própria. É igual quando a gente tem feridinhas, dei esse exemplo várias vezes, como é que sai lá de dentro, como se constitui a casquinha da ferida? Para ele, as cidades vinham lá de dentro e cristalizavam certas dinâmicas. No Rio era mudança, em Paris era permanência. Mas, mesmo assim, minha tese era muito centrada em entender duas coisas. Primeiro, não tínhamos copiado Haussmann, simplesmente, não era um problema de influência. Segundo, se não era influência, o que tinha acontecido entre 1870 e 1900? Não aconteceu nada? Trinta anos de debate na engenharia, na arquitetura, nas ciências de uma maneira geral, nas artes... Nós, brasileiros, ficamos parados no tempo?

Estava construindo a tese, vim para cá com vários capítulos escritos, para assumir um posto na PUC do Rio e precisava ficar seis meses. Assumi o posto e, quando estava indo embora, ficamos parados em um engarrafamento na Lagoa. Havia famílias inteiras vivendo ali. Eram momentos liberais, esse capitalismo imobiliário destruindo a cidade e a cidade se esgarçando. Olho a cena, uma rede, uma dona, um monte de roupa, lavando a roupa na beira da Lagoa... Esqueci como é que a gente chama, tarugo... É alguma palavra do vocabulário mato-grossense, a gente põe três pedrinhas, faz o fogo e as três pedrinhas seguram a panela. Olho aquilo, eles estão todos morando embaixo da árvore. É antes da cabana primitiva, não é? Eu já tinha comprado o livro do Rykwert, da coleção *Espacements* da Choay. Então penso: “Meu Deus, tenho que rasgar essa tese inteira!” – e rasguei! Recomecei tudo de novo, discutindo a ideia da Choay de que haveria uma tradição de teorias do urbanismo em forma de utopia que se opõe [à tradição dos] tratados. Nós temos a terceira via. Nós temos a visão do Paraíso e a possibilidade de morar no Paraíso, no Paraíso onde não é preciso construir. É possível morar embaixo da árvore, põe-se a rede e vive-se. Então, não é só a dualidade falada pela Choay.

Fiquei [na França] só para terminar a tese. Quando cheguei, pensei que não poderia passar sob silêncio a visão de história, a visão de tempo, a visão de história voltada para o elogio do passado, a visão de história voltada, eventualmente, para o novo, para o lado utópico. Não poderia passar sob silêncio. O que isso implica para a prática da arquitetura? Tinha percebido não só um problema da demolição, mas o começo do “culto moderno dos monumentos”. Também tinha lido Riegl. Tinha uns pedacinhos dele no meu texto da tese. Não poderia passar sob silêncio o problema do que se considera patrimônio, porque as duas coisas que se considera patrimônio no Rio é uma pedra que iluminamos, o Pão de Açúcar, e a outra, a imagem do Cristo Redentor. Esses são os nossos grandes monumentos. Então, não poderia passar sob silêncio nem a demolição e a implicação disso para a arquitetura. Onde e quando a arquitetura se realiza? Onde podemos dizer que os corpos são chamados a uma afetação estética? Não podia não pensar nisso. Fui revistar Choay e toda a haussmanização [do Rio de Janeiro] ficou em segundo plano.

MM: Em que momento, você engendra a expressão “experiência americana”, que é, basicamente, e me corrija se eu estiver errado, essa experiência que intercepta, vamos dizer, o discurso da própria Choay?

MP: A expressão “experiência americana” não é minha. Quer dizer, eu a transformei em minha. Somos feitos das nossas circunstâncias de vida, e nelas, a trajetória não é linear, tem avanços, recuos, desvios. O que posso dizer? Acho que cheguei, assim, absolutamente atualizada sobre a questão do século XIX, do século XX, até pelo menos 1950. O que tinha recebido durante seis, sete anos. Da arquitetura moderna, a arquitetura do século XIX, quem foi César Dali, quem tinha sido [Prosper] Mérimée, Viollet-le-Duc – tudo isso eu sabia. Cheguei aqui, mas não havia trabalho. No intervalo de uma década, de 80 a 90, ou de 81-82 para 88-89, quando voltei, o que acontece? O Rio estava em crise, nem o Romão tinha trabalho direito. Eu tinha só o mísero trabalhinho conseguido na PUC, que me pagava uma

coisinha. Romão abriu um escritório, tinha um ou outro projeto... Mas o pior é que a cidade estava em crise. Então vou ser professora com a possibilidade de ganhar um pouco mais de hora-aula com algumas matérias, mas qual é a Cátedra disponível? Dar aulas sobre o Brasil do século XVI ao século XIX, porque já tinha o professor que dava [aulas] do século XIX e o XX. Eu tinha estudado isso vagamente, quando fiz a reescritura da tese em seis meses. Um dia, Romão chegou e disse: “A tese está pronta, nós temos dois filhos esperando por você. Você tem que terminá-la e defendê-la. Quem vai convidar para a banca?” [Era preciso] estabelecer com Roncayolo, [Romão] o conhecia, a data da defesa, e ele foi fazendo xérox, montando os exemplares. Acho que [Romão] chegou [na França] em maio ou em junho. Eu deveria ter ficado dois meses, fiquei entre dezembro e junho, julho. Ele ajudou a fechar tudo, entregar os exemplares. “Pronto. Acabou, foi o que você conseguiu fazer!”. Eu tinha estudado um pouco o período chamado, entre aspas, colonial. Hoje em dia não se usa essa palavra de maneira neutra. Isso também seria, caso tivesse muitos anos de vida, um tema que gostaria de estudar. Eu ainda não tinha problematizado o uso da expressão colônia, mas tinha observado, quando escrevi essa nova versão da tese, o uso da palavra “brasileiro”. Quem era o brasileiro no século XVI? Quando se começa a falar “o brasileiro”, sobretudo no século XVII, mas não recobre sempre o mesmo perfil.

EP: Estávamos falando sobre quando você volta [para o Rio de Janeiro].

MM: E sobre a expressão “experiência americana”. Isso não está na tese?

MP: Na tese está *en passant*. Na tese aparece a América, o americanismo. O Barroco não aparece com tanta força. Fui ser professora desse período e, mais do que isso, fui ser inaciana. Agora, com Certeau, estou vendo se eu vou continuar dizendo se sou inaciana ou se sou xavieriana. Se eu sou mais São Francisco Xavier. De qualquer forma, estava na PUC e dava aula sobre arquitetura jesuítica. Foi o período em que mergulhei num abismo. Já tinha começado a mergulhar na tese, foi concomitante. Esqueci de falar uma coisa fundamental, que me fez reescrever a tese, foi o livro “Le Corbusier e o Brasil”. Com esse livro, percebi com mais radicalidade que tinha que fazer um desvio, que existia uma história às avessas a ser feita. Quando falo às avessas não é uma história a contrapelo e que se vai rebobinando para repetir as mesmas categorias, as mesmas formas de abordagem. Eu tinha que construir de outra forma, que, portanto, Le Corbusier não veio para cá ensinar. O que ele fez foi mobilizar o que a gente já sabia. Ele também estava aprendendo e nós tínhamos esquecido. Ao fazer o livro de Le Corbusier, escrever com o Romão o primeiro capítulo, escrever a introdução, ajudar o Vasco [Caldeira da Silva], um pouco, no capítulo 2, essas coisas foram ficando claríssimas para mim. Então, comecei a achar irrelevante falar da renovação de Pereira Passos, sendo que o mais importante era pensar se o gesto de construir, se o gesto de edificar é o mesmo, poeticamente e miticamente. Num caso, ou noutro, o que se mobilizava? E havia alguma universalidade possível?

MM: Em relação ao interesse antropológico e universalista de Choay, as declinações culturais.

MP: As declinações culturais. Como isso se dava aqui? Como as mesmas palavras – “arquitetura”, “cidade” ou “história” – eram declinadas de maneira diferente de acordo com a cultura. Se Françoise Choay não tivesse me alertado, eu não pensaria isso. A minha dívida com ela é enorme. Tinha que fazer isso, porque, senão, não estaria falando de nós. Ao falar de nós, comecei a perceber os jesuítas. Na verdade, o que estou chamando de Barroco, nada mais é, se podemos dizer assim, uma consciência atópica, uma consciência do movimento. É uma consciência de que estamos sendo conectados e desconectados, a todo momento, a uma série de coisas. Hoje já não sou o de ontem. A Elane fez um curso ontem sobre Choay que já abriu três outras coisas na minha cabeça. Não estamos conformados, nunca. A “experiência americana” vem primeiro com meu mergulho na obra dos jesuítas, que devo ao fato de estar na PUC, de ter havido esse acaso de ser professora dos séculos XVI, XVII, XVIII, quando tive que estudar esse período. Depois, a PUC comemorava 450 anos da fundação da Companhia de Jesus em 1999. Começamos um estudo sério sobre a arquitetura jesuítica no Brasil, lemos muito Santo

Inácio de Loyola. Não estava lendo Certeau nessa época, mas Santo Inácio de Loyola. A partir de Santo Inácio de Loyola, eu comecei a me interessar... não foi com ele, mas ele me certificou que deveria continuar no movimento dubitativo, isto é: você constrói e, ao mesmo tempo, desconstrói o que você mesmo construiu. Tem um movimento dubitativo que acompanha a reflexão. Pelo menos para mim, sou desse tipo de família, que é a de Michel de Certeau, de Inácio de Loyola, de vários outros que estão atentos a essa movimentação. Não que não se possa estabelecer configurações para tornar certas coisas um pouco mais familiares e compartilhadas, senão não se conversa com o outro.

Ao estudar Inácio de Loyola, entrei de frente no problema do Barroco, e ao estudar o Barroco, estudei como inventaram a questão do estilo. Dava aula sobre isso, [discutia] como a palavra surgiu, como foi usada, quem interpretou a palavra, o primeiro Wölfflin, o segundo Wölfflin, o Eugenio [d'Ors], então, vieram todos os alemães. Como fomos cortando o tempo em escolas, em estilos, em nomes. A partir de certo momento, comecei a me interessar por uma figura que tinha conhecido na França, que era o companheiro de um grande editor da *Seuil*, amigo da Françoise Choay, mas isso não vem ao caso. Ele tinha escrito livros sobre o Barroco, e eu não sei se pelo fato de ele ser cubano, comecei a me interessar sobre um autor também cubano chamado [José] Lezama Lima, que falava da experiência americana barroca. Como Cuba tem muita coisa parecida com o Brasil, seja pelo perfil da população, seja pelo fato de o Brasil ter sido pensado como uma enorme ilha e uma utopia... Como [Cuba] é uma pequena ilha, pelo fato de ter uma população nativa que também interagiu ou não, misturou-se. Via muita aproximação com essas ideias do Barroco. Também lia os brasileiros que estavam escrevendo nessa época. Tinha um livro famoso do Affonso Ávila. Comecei a ler o Barroco na cultura do século XVII, comecei a ler e me interessar e ver questões do Barroco na obra de Shakespeare, comecei a pensar “A Tempestade” quase como se fosse uma espécie de grande alegoria de certos aspectos da experiência americana.

MM: Em que medida você sente isso como um afastamento do seu pensamento em relação à Choay?

MP: Eu não penso isso em termos de afastamento. Não é um afastamento.

MM: É o reconhecimento de uma singularidade das circunstâncias.

MP: Ela convoca você a pensar. Digo que é um desvio porque, por exemplo, estávamos discutindo ontem que ela sempre volta para a França. De onde ela fala? O que está ressonando? Nunca mais consegui pensar que Argan só pudesse falar para os italianos. Nessa época, ainda não estava com essa questão do situado, de uma história situada, essas expressões não estavam tão nítidas. Argan escreveu isso porque foi o que pôde pensar da natureza. Tenho outra experiência, temos outra experiência da natureza. Lévi-Strauss escreveu o que escreveu porque era um francês vindo estudar [os povos originários] e nos abre inúmeras portas, mas a partir de certo momento, já tenho e tem os próprios bororos – se quiserem escrever ou falar. Você sempre fala de um lugar situado. Françoise Choay não foi tão clara sobre o lugar situado, na resposta que me deu, me dizendo: “Não, você vai ser julgada como uma [francesa]”. Ela pautou o universalismo. Você deve se lembrar, Mário, que nós, lá para trás, tivemos discussões grandes sobre o universalismo, como o horizonte, um horizonte de direitos.

EP: Pautar isso como uma medida, uma régua.

MP: Isso, uma medida, uma régua. Aliás, esse foi meu drama e permanece desde sempre, como se transmite? Você não transmite! Porque está falando de uma série de posições. Como é que você vai numa banca? Como vou falar?

MM: Acho importante você complementar. Fale só da Antologia.

MP: Falei do Lezama Lima, mas não falei do Severo Sarduy. Cuba foi me abrindo a cabeça para a América, para as outras Américas. Isso já tinha vindo, antes, com Choay, tinha vindo na tese o que a

gente chama de América Latina. Uma coisa é uma América construída na cidade, outra coisa é uma América que, para ter cidade, foi instituída antes no papel do que na matéria, antes do corpo feito matéria. Foi uma questão da externalidade e das exterioridades. O que é muito forte, mas isso por conta desses meus estudos do Barroco, para os quais resolvi voltar agora de novo – nesses estudos do Barroco e nesses estudos do Santo Inácio de Loyola, vendo o esforço de Michel de Certeau. É isso que Michel de Certeau estava fazendo, ele estava brincando contra o caráter aplicável, dogmático, de Santo Inácio.

MM: Acho que agora é só fazer uma última virada para a questão do corpo. A “experiência americana” remete a como você está colocando a questão do corpo, a especificidade desse corpo e da sua experiência, acho que pode ser um bom gancho para falar da questão biográfica na concepção de uma antologia e o papel da antologia. Porque me parece que, apesar de você se apropriar da ideia de antologia¹ e mesmo da atenção biográfica de Choay, você faz um percurso diferente.

MP: Desde quando estava em Campinas, comecei a pensar na antologia. Depois posso explicar o porquê. Sobre o problema da “experiência americana”, Choay me fez entender primeiro uma concepção de história das ideias, depois de história da cultura, que não são a mesma coisa, e de história da cultura e de estudos culturais que nada tem a ver com o que os Estados Unidos pensam como história cultural. Françoise Choay me ajudou a entender que história cultural tinha a ver com uma ideia de singularidade. Numa situação limite, uma ideia de identidade, mas que não era fechada e apoiava-se numa espécie de desvio, vindo realmente de uma vivência, de um vivido, de um experimentado com o corpo, experimentado com a carne, experimentado com o que não é carne, com aquilo tudo que te constitui, com aquele mundo inteiro que te habita e, portanto, ele e você estão juntos. Foi o que Françoise Choay me ajudou a perceber. Não percebi isso de um jato. Fui percebendo pouco a pouco. A presença fantasmática dela está aí, porque vou tentando entender o mundo dela que me habita, que atualizo e a partir do qual eu penso, justamente daquilo que me é possível falar. Esta é a primeira coisa. Por isso, às vezes, hesito muito, nesse momento. Porque eu tenho insistido, tendo entendido o que Lezama Lima estava querendo, ao falar da experiência americana, quer dizer, tendo entendido ao meu modo... Não posso dizer que entendi Lezama Lima, eu me apropriei dele. Mas, tendo entendido, intuindo o campo de movimentação dele, às vezes fico aflita de usar a expressão “experiência americana”, porque, às vezes, tenho medo de cair num identitarismo, do mesmo jeito que tenho medo de usar o Barroco e a pessoa entender que eu também estou [defendendo um] identitarismo e dizendo “a cultura brasileira é barroca”, ou tem um aspecto... Teve! [Mas] é lógico que a cultura hegemônica brasileira, hoje, não é barroca. Ela é barroca sob certos aspectos, mas não no aspecto fundamental, que é a abertura para a diferença, para a atenção a tudo aquilo que nos mobiliza e que nos afeta, aquilo que nos move. Isso me deixa muito aflita, qual vocabulário utilizar e, também, não cair numa questão meramente escolar, estilista, de repartição das coisas. É muito difícil, tenho hesitado em relação a isso. Agora, acho que nesses múltiplos brasis que somos, tive a circunstância – não é nem um bem, nem um mal – que foi a de viver numa sociedade mais porosa, talvez mais aberta, e que reconheço na luta de vários autores. É a luta de Michel de Certeau. Vejo isso na questão da Bárbara Cassin sobre a tradução. É essa coisa do enraizamento e do desenraizamento, de você estar no entre, de você estar no movimento, e estar atento porque ora é aqui, ora é ali, ora é aqui, ora é ali... É lindo o que ela fala do Ulisses na *Odisséia*, não é? O Ulisses chega e está partindo. Ele passa uma noite, depois de ter viajado por vinte anos, e vai embora de novo.

¹ [N.E.]: Desde a década de 1990, Margareth ensinava construir uma antologia sobre os pensadores do urbanismo de forma suprir uma lacuna do campo no Brasil. O intuito era elaborar uma tecitura entre os pensadores clássicos do urbanismo e os seus correlatos no Brasil. O foco nas trajetórias, com a atenção voltada aos atores e seus percursos, situando seus debates, cada eventual integrante da antologia tendeu a ganhar uma abordagem monográfica e constituir o processo formativo de iniciação científica, mestrando ou doutorando. A identificação desses atores gerava um conjunto de articulações, dando origem à noção de nebulosas, posto que definham redes movediças – isto é conexões e agrupamentos de atores se constituindo e por vezes se desfazendo nos percursos de vida de uns e outros, levando a mais atores.

Essas coisas todas foram começando a fazer sentido. Por isso que um dos traços mais bonitos que achei da arquitetura feita no Brasil pelos grandes arquitetos que nós já tivemos, em 400 anos de história, era a enorme sabedoria deles de trabalharem no espaço que não é nem uma coisa, nem outra, que é o espaço do entre e por isso ficava encantada. Fico ainda hoje, quando vou pelo Aterro do Flamengo. O Aterro do Flamengo é exatamente isso. Tem ali a Baía de Guanabara inteira e tem a cidade, e você vai andando naquele espaço que é meio construção e não mais construção. Por isso, também, fiquei apaixonada pela obra de Lucio Costa. A obra estava inaugurada e já era ruína. Isso nos obriga a pensar que a situação de fragmento e de ruína é certa – olha só – uma condição humana. Estar atento a isso, ou pelo menos do jeito que a pratico e que vejo alguns pares, pelo menos, que também partilham isso. Por isso vem a nossa experiência americana, não sei se foi [por] Severo Sarduy que comecei a discutir Lezama Lima. Comecei a me interessar por Octavio Paz, sobre o branco, sobre a luz, sobre fusão e difusão, refração. Comecei a me interessar por uma série de coisas que atravessam páginas, mesmo nessas culturas americanas que construíram cidades. Na Colômbia, nem tanto, mas no México há muito. Há alguns temas que atravessam essa experiência americana. De Cuba, fui viajando para a Colômbia, para a Venezuela. Quando você olha aquele *campus* de Caracas... tem uma artista que eu adorava, na década de 70 a 80, que se chamava Gego, [Gertrud Louise Goldschmidt], uma venezuelana que também trabalhava com branco. É uma coisa maravilhosa. A gente começa a perceber uma sensibilidade atópica, que estou chamando americana, como uma estratégia para nos fazer pensar a nossa própria singularidade e para ver se descolonizamos, antes de tudo, a nossa maneira de nos pensarmos. Talvez contribuir para que pensemos da maneira complexa, no mundo que não tem nem sul e nem norte, no mundo que não está dividido em Ocidente e Oriente, mas um mundo que nos coloca diante da experiência cotidiana, simplesmente, de estar e ser. Isso tudo tem a ver com a experiência americana, com Severo Sarduy e com Lezama Lima, sobretudo, o autor que li bastante nesse período. E depois, a Antologia. Pensar a singularidade é pensar-se como corpo – isso que foi ganhando camadas e camadas. No começo, acho que estava pensando no corpo apenas como corpo. Hoje em dia, com minhas leituras, que têm se acumulado, essa noção de corpos já não é mais derme, já não é mais epiderme. É uma noção de corpo ainda mais radicalizada E, por isso, pensar as biografias. As biografias da antologia entram não como um elogio de um sujeito isolado, mas são sujeitos que estão praticando aquilo que é a despossessão de si. É deixar de pensar que se é uma unidade fechada. Somos feitos dessas interações e que ao mesmo tempo em que nos instauramos, nos multiplicamos. É pensar justamente nesse movimento. Não para a formação de uma totalidade, ou para a formação de uma unidade.

EP: O que nos faz voltar ao assunto da formação, de que você tinha falado. Não é uma cristalização.

MP: Ou da forma e da formação. Não é entendido como uma cristalização. É um ir e vir enriquecidos. Nesses ires e vires, estamos aqui também, com o som do vento batendo na janela, um pouco mais fortes para a direita do que para a esquerda, o calor que sentimos. Tudo interfere.

MM: Se a Antologia fosse de biografias pensadas na forma antiga, como indivíduos autonomizados, ela já teria acabado há tempo.

MP: Ela não acaba porque cada aluno vem com um problema, aquilo que já estava pronto tem que mudar. Por que não?

MM: Porque cada um desses autores na antologia é um corpo poroso que leva a infinitos outros corpos e outras circunstâncias.

MP: Lógico, exato, exato. Quis fazer a antologia com os autores brasileiros, mas em contraste, em comunicação, em distanciamento dos autores europeus e, com raros [casos], norte-americanos citados na maior parte das antologias até o ano 2000, 2002, quando fechei pelo menos a primeira seleção dos nossos autores. É lógico que os nossos textos não estão circulando, tem uma geopolítica científica que

também mostrei. Vemos perfeitamente como é no começo, [quando os textos são escritos e publicados em] inglês e francês. Primeiro são os ingleses, depois os franceses, [na sequência] um ou outro italiano. Acho que cheguei a colocar um italiano. Não coloquei, mas identifiquei um italiano [com um] livro sobre cidade, inclusive na nossa biblioteca da EBA. Um livro de 1820, 1830, que não está em antologia nenhuma, mas nós o temos. Então, tem os brasileiros, depois aparecem os espanhóis. São as culturas dominantes, hegemônicas. Nesse ponto, é preciso reconhecer isso, também. De qualquer forma, acho que Françoise Choay, ao fazer a Antologia, estava preocupada com o que passamos a chamar de “campo”. Ela estava preocupada em constituir um *corpus* de textos comuns, compartilhados por um grupo, por grupos de indivíduos, para que pudéssemos discutir.

EP: Thierry Paquot fala disso na biografia que escreveu sobre ela.

MP: É como se fosse esse mínimo de possibilidade de interação. Se eu vou falar de Camillo Sitte e vocês nunca ouviram falar dele, como é que isso pode andar? Se eu vou falar de Cerdà, ou se eu vou falar de Fourier... Isso faz parte, inclusive, do trabalho da Academia. O que a academia faz? Ela apresenta os diversos pontos de vista para poder discutir e para chegar a – não gosto dessa palavra, mas ela existe – um consenso, uma verdade, uma hipótese plausível. O que nós podemos pensar, nós três, aqui, sobre essas coisas? Temos, vagamente, de ter lido [um texto em comum]. Do jeito que você conseguiu ler, eu também, ele também. Então foi por isso que fiz a antologia, mas descobri que ela ajudava, também, no processo de formação. E ao supor isso ela ficou interminável, porque acho que, no meu caso, o problema da singularidade das culturas, num país tão complexo como o nosso, em que chegam à universidade tanto alunos que falam alemão, francês e inglês como também alunos que não dominam essas línguas; alunos que vêm e são a segunda geração, ou terceira geração da família com pessoas na universidade, mas chegam também alunos que são os primeiros da família [a ingressar na Educação Superior]. Não significa que não tenham saberes, que não tragam saberes. Eu falo da Academia, falo de dentro da universidade, falo de dentro para um pedaço do Ocidente. Não posso dizer que não falo de dentro dessa perspectiva. Falo para alunos que estão inscritos ali. Eles sabem o que estão fazendo? Então vamos pensar juntos: o que é que é isso? O que pode ser isso? Para mim, esse espaço é, vagamente, de construção, de uma partilha. É só isso. Talvez Françoise Choay tenha sentido menos essas diferenças porque tem um trabalho de mediação, às vezes de repressão, às vezes de controle, às vezes de subalternização, muito mais forte na universidade francesa do que na nossa universidade.

MM: Será que o aluno brasileiro fica com tanto medo de perguntar quanto vocês, no chão, em Vincennes?

MP: Acho que fica, Mário. Discutimos exatamente sobre isso. Nós estávamos discutindo o perfil do alunato. Não sei se isso vai entrar na entrevista, mas já estávamos discutindo isso e acho que Françoise Choay, por exemplo, manteve-se *blind* em relação à diversidade cultural de Vincennes. Ela pôde, no entanto, me puxar para um universalismo possível, uma igualdade de direitos dos quais não deveria ceder. E inclusive de direito de defesa da singularidade de alguma cultura. Isso é engraçado, porque, ao mesmo tempo, a ênfase que ela colocou foi em um lado, mas é preciso também colocar a ênfase no nosso caso, tão plural [em vários lados]. E não é que ninguém me contou. Cresci numa Cuiabá que tinha menos de 50.000 habitantes. Lutávamos para chegar aos 50.000 habitantes. Minha infância inteira ouvia “Já chegamos nos 50.000 em não sei em qual Censo”. Ficávamos preocupados se chegaríamos aos 50.000 habitantes. [Falo] da presença desses outros brasis, de um Brasil sem cidades, de um Brasil colonizado pela vontade de missionários, de um Brasil que, mesmo com os missionários, resistia e reagia de outra forma. De novo, voltamos para o problema da natureza humana, ou da condição humana, da *human condition*. Acho que aqui não é possível fazer uma antologia sem pensar nessas medidas, isso é um trabalho infinito, então a antologia se transformou, para mim, muito mais em uma ferramenta de



ensinar a ler, a pensar, de situar quem está escrevendo, de pensar que a biografia não era um caminho, não era uma trajetória linear, de pensar estratégias, pacto e insurgências.

Referências:

CHOAY, Françoise. **L'Urbanisme, utopies et réalités**: une anthologie. Paris: Seuil, 1965.

CHOAY, Françoise. **La règle et le modèle**: sur la théorie de l'architecture et de l'urbanisme. Paris: Seuil, 1980.

SANTOS, Cecilia Rodrigues dos; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). **Le Corbusier e o Brasil**. São Paulo: ProEditores; Tessela, 1987.



Margareth Aparecida da Silva Pereira

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-UFRJ(1978), graduação em Urbanismo pela Université de Paris VIII (1979), DEA em Etudes Urbaines (1984) e Doutorado (1988) pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (1984). Realizou seu pos-doutorado na França (no Institut d'Urbanisme de Paris e na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales) e na Inglaterra (no Centre for Urban History da University of Leicester) em 2004 e estágio senior em 2012 na ENGREF - França. Foi professora convidada do Instituto de Artes da UFRGS (1990), do Institut Français d'urbanisme (2002), do Centre de Géographie Urbaine da Ecole des Hautes Etudes Sciences Sociales (2003), do Institut d'urbanisme de Paris (2003), da Universidad Nacional de Colombia(2003), do Centre Maurice Halbwachs da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (2018), do Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (2020) e vem realizando conferências em diversas instituições de ensino superior no Brasil e no exterior. Foi Professora e Coordenadora do Curso de Especialização em História da Arte e da arquitetura no Brasil da PUCRIO (1987-1992), Professora da FAU-PUCCAMP (1993-1997), Vice-decana do Centro de Letras e Artes da UFRJ e é, desde 2016, professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ. Atua no Programa de Pós-graduação em Urbanismo - PROURB desde 1999, do qual foi coordenadora entre 2013 e 2016. É autora de livros, capítulos de livros, artigos e exposições nas áreas dos estudos culturais, principalmente nos campos da arte, da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo, tendo como foco, sobretudo, o Rio de Janeiro. Vem se dedicando também a análise dos discursos historiográficos sobre o campo cultural brasileiro nestas áreas.

Contribuição da coautora: Entrevistada; Redação – revisão e edição.

Romão Veriano da Silva Pereira

Romão Veriano da Silva Pereira, arquiteto pela FAU UFRJ em 1978, urbanista pelo Instituto de Urbanismo de Paris, pós-graduado em Planejamento Urbano pela Universidade de Paris I e mestre em História Urbana pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Desde 1989, é sócio-gerente da RVeriano Arquitetos Associados, onde desenvolve atividades de projeto de arquitetura e gerenciamento de obras. Gerente de eventos da Fundação Bienal de São Paulo. Coautor do livro “Le Corbusier e o Brasil” (1987).

Contribuição do coautor: Entrevistado; Redação – revisão e edição.

Mário Luis Magalhães

Atualmente é professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro DAU/ESDI/UERJ (2024 -) e é pesquisador do leU - Laboratório de Estudos Urbanos, que integra desde 2006. Possui graduação (2002) em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/UFRJ, tendo concluído o mestrado (2005) e o doutorado em Urbanismo (2018) no PROURB/FAU/UFRJ. Foi professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula (2016 - 2023) e atuou como substituto do Departamento de Planejamento Urbano e Regional (DPUR) (2007/1-2008/2), do Departamento de Análise e Representação da Forma (2007/2-2008/2) e do Departamento de História e Teoria (DHT) (2014-15) na FAU/UFRJ e lecionou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Gama Filho (2013/1-2). Leciona, orienta e desenvolve pesquisas na área de Artes, com ênfase em Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nas seguintes áreas: História do Pensamento Arquitetônico e Urbanístico, História das Ciências, Arquitetura



e Educação, Análise e Representação da Forma, Projeto de Arquitetura e Urbanismo, sempre buscando as transversalidades e integração entre saberes.

Contribuição do coautor: Entrevistador; Redação – revisão e edição.

Elane Ribeiro Peixoto

Graduada em Arquitetura e Urbanismo, é professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, mestre (1996) e doutora (2003) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, com estágio pós-doutoral no programa Prourb da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2023). Foi bolsista no *Laboratoire d'Antropologie et des Instituts Humaine* em Paris (2001) e professora visitante no IUAV (2015). Suas pesquisas e orientações de mestrado e doutorado concentram-se na área de Teoria História e Crítica, com trabalhos em três linhas de pesquisa: História e Teoria da Arquitetura, História e Teoria da Cidade e do Urbanismo e Patrimônio e Preservação. Traduziu para o português o "Culto Moderno dos Patrimônio: sua essência e sua gênese" [*Le culte moderne des monuments : son essence et sa genèse*], de Aloïs Riegl, e "Percorrer a Cidade" [*Courir la ville*], de Henri Pierre Jeudy. Integra como vice-líder o grupo de pesquisa Cidades Possíveis. Seus temas de pesquisa são preferencialmente a cidade contemporânea, suas dinâmicas e seu patrimônio cultural. Desenvolve pesquisa e extensão em escolas públicas de ensino fundamental em Brasília, visando contribuir para o debate da cidade em sua dimensão espacial, histórica e patrimonial. Coordenou a linha de pesquisa História e Teoria da Arquitetura no Programa de Pós-Graduação da FAU-UnB. Tem colaborado na organização e curadoria das edições do evento Café com Europa patrocinadas pela EUNIC (Embaixada da União Europeia), sendo uma das organizadoras das publicações resultantes desses eventos. Participou na concepção do roteiro do filme *Um portão aberto para Ceilândia*, fundamentado em pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal.

Contribuição da coautora: Entrevistadora; Redação do manuscrito original; Redação – revisão e edição.

Leandro de Sousa Cruz

Professor do Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Doutor em Arquitetura e Urbanismo (2020) pela Universidade de Brasília, concluiu graduação (2008) e mestrado (2013) na mesma área pela Universidade Federal da Bahia. Realizou atividade de pós-doutorado na Université Catholique de Louvain em 2023, com bolsa do CNPq.

Contribuição da coautora: Redação do manuscrito original; Redação – revisão e edição.

Ana Flávia Rêgo Mota

Arquiteta e Urbanista pela Universidade Estadual de Goiás (2013), especialista em História Cultural pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (2015), mestre (2017) em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação da FAU-UnB e, atualmente, doutoranda no mesmo Programa. Foi Professora Substituta da FAU-UnB por duas vezes (2017-2018 | 2021-2022) e Professora dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design de Interiores na UNIP - Campus Brasília (2017-2022). Tem experiência em atividades de pesquisa e ensino com foco nas áreas de Teoria e História da



Arquitetura e do Urbanismo e é membro do grupos de pesquisa Cidades Possíveis e Topos - Paisagem, Projeto e Planejamento (Labeurbe) na FAU-UnB.

Contribuição da coautora: Redação do manuscrito original; Redação – revisão e edição.

Editoras: Priscilla Alves Peixoto e Ana Clara Giannecchini.

Como citar: PEREIRA, Margareth da Silva; PEREIRA, Romão Veriano da Silva; MAGALHÃES, Mário Luis Carneiro Pinto de; PEIXOTO, Elane Ribeiro; CRUZ, Leandro de Sousa; MOTA, Ana Flávia Rêgo. Entrevista com Margareth da Silva Pereira e Romão Veriano da Silva Pereira. **Paranoá**, [S. l.], v. 16, n. 35, e56597, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18830/1679-09442023v16e56597>.